



OS  
NOSSOS  
*pecados*

O que deixamos no passado  
pode tornar-se arrasador  
no presente.

J. KENNER

A RAINHA DO ROMANCE ERÓTICO

TOP  
SEL  
LER

*Eu sei que não devia desejá-lo.*

*Tomara eu não ansiar por ele.*

*A cada dia que passa, rezo para que a agradável palpitação provocada por este desejo se atenuie. Mas isso não acontece.*

*Quando estou acordada, alimento a dor. Evoco novamente as memórias que me cortam com a força de uma faca. Paixão eliminada. Amor erradicado.*

*Dantes, havia um homem que me desejava. Agora, o que resta é uma marca de queimadura, como uma sombra gravada no chão, provocada por uma explosão nuclear.*

*Quando estou acordada, agarro-me à raiva.*

*Mas, nos meus sonhos, rendo-me sempre.*

*Digo a mim própria que estou melhor sem ele. Mas preciso dele. Da experiência dele. Da ajuda dele.*

*Não me restam outras opções. Ele é o lugar onde o desejo e o medo se cruzam. E tudo o que posso fazer é rezar, para não me estilhaçar como vidro sob o peso dos meus arrependimentos.*

# 1

Construído em 1931, o histórico Hollywood Terrace Hotel gozara em tempos de um lugar de destaque na famosa avenida e fora o local de eleição para ver e ser visto. Mas o tempo é implacável e, tal como a beleza efémera das estrelas da Era Dourada, o palácio em *art déco* caiu em ruína quando as *flappers*<sup>1</sup> deram lugar aos *hippies* e aos *baby boomers*<sup>2</sup>, que foram depois suplantados pelos *millennials*<sup>3</sup>, que assistiram à transição inexorável do século xx para o século xxi.

Durante a primeira década do novo milénio, o ícone outrora majestoso manteve-se apagado e delapidado. A fachada exterior adquiriu uma cor cinzenta sem vida. As janelas ficaram manchadas e rachadas. Os famosos jardins foram tomados por insetos e ervas daninhas.

O interior não estava melhor. Havia bolor a crescer à volta dos canos furados. Os ratos trepavam às paredes, rendendo-se apenas aos gatos vadios que reclamavam os espaços escuros

---

<sup>1</sup> Geração de jovens mulheres da década de 1920 que se caracterizava pela transformação do vestuário e do penteado feminino e por desafiar as anteriores convenções sociais aplicadas às mulheres. [N. T.]

<sup>2</sup> Um *baby boomer* é uma pessoa nascida durante um período de súbito aumento da natalidade, que compreende os anos de 1946 a 1964. [N. T.]

<sup>3</sup> Um *millennial* é uma pessoa nascida entre 1980 e 1994. [N. T.]

como seus. Os tapetes apodreciam. O papel de parede descolava-se. E uma fina camada de pó cobria todas as superfícies como um manto de negligência.

Com a determinação de um pugilista acossado, o edifício lutou para se manter em pé, apesar dos golpes sucessivos provocados por intempéries e terremotos e pelo monótono desfile do progresso marcado pelas novas montras reluzentes. Quando surgiu, sobre as portas de vidro, uma fita amarela com as palavras *Passagem Interdita* e *Não Passar*, os habitantes locais tiveram a confirmação de que havia sido desferido o golpe final.

Foi então que Scott Lassiter apareceu em missão de resgate, e afinal veio a descobrir-se que o Hollywood Terrace não era um filme de boxe. Era uma remodelação. O *My Fair Lady* dos hotéis em ruínas.

O promotor imobiliário internacional não se poupou a esforços e voltou a transformar o Hollywood Terrace na pérola que tinha sido quase um século antes. Converteu as salas de reuniões num conjunto de gabinetes privados e utilizou todo o piso superior para criar a sua deslumbrante *penthouse*, que incluía uma piscina interior e um salão de baile formal.

Toda a gente que era *alguém* esteve presente na grande reabertura que decorreu há cinco anos, e Lassiter foi apelidado de herói pelas pessoas mais influentes da cidade. De milagreiro. Um verdadeiro cidadão, dedicado a preservar a história que trouxe notoriedade a este canto do sul da Califórnia, quando os primeiros pioneiros munidos de máquinas fotográficas chegaram à terra do maná e do sol.

Essa festa encheu as manchetes da imprensa de todo o mundo, e a ligação a Hollywood e as inúmeras estrelas que fizeram parte da lista de convidados tornaram a história demasiado apetecível para ser ignorada.

A festa desta noite era ainda mais extravagante. Dezenas e dezenas de convidados enchiam o meticulosamente remodelado

salão de baile *art déco* com as suas cores ousadas e padrões geométricos. A riqueza conjunta dos convidados internacionais fazia o extrato bancário de uma estrela de Hollywood parecer a mesada de um adolescente. Havia champanhes *vintage* e raros a jorrar de fontes de prata pura. As mulheres deslizavam sobre os pavimentos de mármore em vestidos formais desenhados para fazer sobressair a variedade de joias que exibiam. E qualquer homem que envergasse um fato que custasse menos de 25 mil dólares era nitidamente um impostor.

E, no entanto, apesar das pessoas bonitas que pairavam sobre nuvens de dinheiro e poder, não havia imprensa presente no salão de baile para fazer a cobertura desta festa. Não havia fotógrafos a tirar fotografias sensuais para publicarem nas páginas mais cobiçadas ou no *Instagram*. Pelo contrário, tratava-se de uma festa íntima realizada no domínio privado de Lassiter.

E apenas uma clientela *muito* seleta e muito exclusiva tinha sido convidada.

Quincy Radcliffe, operacional da Agência de Segurança Stark, não constava da lista de convidados. Pelo menos, não oficialmente. Contudo, isso não o impediu de fazer sinal a um empregado que ia a passar e de se apropriar de um whisky.

Bebericou-o aos poucos enquanto estudava calmamente o conjunto de homens elegantes e de mulheres bem penteadas que se movimentavam para dentro e para fora da órbita de Lassiter, como se estivessem a prestar tributo a um deus.

*Que tontos ignorantes.*

A única coisa que viam era a riqueza e o poder de Lassiter. Não faziam a menor ideia de que a maioria do dinheiro da generosa conta bancária do anfitrião não provinha da sua carteira do sector imobiliário, mas sim da comissão que retirava dos seus esquemas de lavagem de dinheiro e de proteção.

Scott Lassiter era um sacana manipulador, cujas garras afiadas estavam bem cravadas no submundo criminal. E Quincy

teria todo o gosto em, um dia, arrancar o tapete de debaixo desse crápula e garantir que Lassiter trocava a sua *penthouse* de luxo por uma vista diferente. Aquele tipo de vista obscurecida por grades de ferro.

Contudo, detê-lo não constava dos planos para esta noite. Para já, Lassiter era o menor dos males, e, se tudo corresse conforme planeado, o crápula patético seria, sem se dar conta disso, a porta de acesso ao monstro sub-humano responsável por uma rede de tráfico sexual que estava no centro da missão de Quincy para esta noite: *Corbu. Marius Corbu.*

— Ele é incrível, não é?

A voz sussurrante veio de uma loira de olhos castanhos, com cabelo comprido e liso que lhe chegava ao meio das costas e uma franja suave a cair sobre as sobrancelhas perfeitamente arqueadas. Envergava um fino vestido dourado e maquilhagem tão bem aplicada que parecia invisível, não fora o contorno preto à volta dos olhos grandes e o batom tão vermelho que fazia lembrar cerejas.

— Está a falar do anfitrião, o Sr. Lassiter?

Ela riu-se baixinho e agitou o champanhe enquanto se via aflita para bater palmas.

— OMG<sup>4</sup>. — Ela disse mesmo *OMG*. — É inglês.

— Oh, diabo. Sou?

Ela riu-se novamente.

— E ainda por cima é engraçado. Não. Qual é aquela palavra? *Jocosos*. É muito *jocosos*. — Ela inclinou a cabeça para o analisar. Ele sabia o que ela estava a ver. Cabelo escuro, um rosto esguio e olhos cinzentos. Vestia um fato Ermenegildo Zegna feito à medida que custava mais do que o seu carro e, segundo a sua parceira, Denise, lhe dava um ar de «boa queca».

Pelos vistos, a loira concordava com ela, porque ele viu o momento exato em que o olhar dela passou de divertido a predador.

---

<sup>4</sup> *Oh my God* (Oh, meu Deus). [N. T.]

— Gosto de homens engraçados. — Falou num tom de voz baixo. Ardente. — É provável que um homem que se ri também faça outras coisas interessantes com a boca. — Inclinou a cabeça de forma provocadora. — O meu nome é Desiree. Como é que se chama?

— Canton — respondeu ele, referindo o nome falso usado na missão na qual passava por um gestor de fundos de cobertura em Hong Kong. — Robert Canton.

Ela aproximou-se dele e, quando se posicionou por baixo de um foco de luz, o vestido passou de opaco a transparente. Estava completamente nua por baixo do vestido fino, e ele sentiu o corpo a ficar tenso em sinal de reflexo, não de desejo. Ela passou lentamente os dedos sobre a lapela do casaco dele e depois baixou-os até encostar a mão ao seu pénis, que estava agora duro, porque, convenhamos, ele não estava morto. O gesto não o surpreendeu. Afinal, tratava-se de uma festa de sexo. Sexo anónimo, pago e perverso. E Deus sabia que ele não era imune aos encantos de uma bela mulher.

Ela levou a mão livre ao ombro dele e inclinou-se para a frente para sussurrar.

— Bem, sou toda sua, Sr. Canton. Pode usar-me como quiser, até ao nascer do sol. — Mordiscou-lhe o lóbulo da orelha, e ele pensou em como seria fácil. Ela estaria disposta a fazer o que quer que fosse. Era esse o objetivo deste pequeno convívio. E ele bem precisava de desanuviar.

Algumas operações eram mais complexas do que outras, e esta era uma verdadeira dor de cabeça. Andava a consumi-lo. Pior ainda, esta operação tinha-lhe entrado na corrente sanguínea. E estava a queimá-lo como um veneno lento. Ou melhor, como um fusível. Se o deixarmos aquecer durante demasiado tempo, explode. As memórias negras venceriam, o monstro assumiria o controlo e...

*Caraças!*

— Oh, acho que isso é um sim. — Ela começou a acariciá-lo lentamente. — Nunca fui para a cama com um inglês, e prometo-lhe que valho a pena. Diga-me que não deu a sua chave a outra rapariga.

Ele esboçou um sorriso ténue e depois afastou lentamente a mão dela da sua braguilha.

— Lamento, querida. Tenho a certeza de que passaria um bom bocado consigo, mas a minha chave já tem dona.

«*Talvez não*», disse a voz feminina ao seu ouvido. Era a voz de Denise, que nesse momento estava no telhado do outro lado da rua. E também no seu ouvido. A escutar tudo o que se passava, uma vez que os intercomunicadores estavam ligados. «*Não consigo encaixar o braço do transmissor. Vou ter de ficar aqui em cima e posicioná-lo manualmente.*»

— Cum caraças.

— O que foi? — perguntou Desiree.

— É uma pena não poder tê-la na minha cama esta noite. Mas regras são regras. — E as regras daquela festa faziam lembrar as antigas festas de chaves suburbanas das décadas de 1960 e 1970. Resumidamente, nessas festas, um homem reclamava uma mulher com uma chave, ela ia ao quarto dele e ele passava a noite com ela, a fazer aquilo que lhe desse na gana até ao nascer do sol, tal como Desiree tinha dito.

Da perspectiva de um homem, a vantagem deste tipo de festas era o facto de ter sempre acesso à companhia feminina, uma vez que todas as mulheres eram acompanhantes de luxo que recebiam uma quantia avultada de Lassiter para participar. Incluindo Denise, se bem que, sejamos justos, seria o disfarce dela — Candy — quem haveria de receber essa quantia generosa.

Quanto aos homens, cada um pagava a Lassiter uma bela maquia, supostamente por um quarto no hotel. Na verdade, o pagamento assegurava o privilégio de encontrar uma Senhora Certa disposta a satisfazer todas e quaisquer perversões, fetiches

e predileções. Como bônus, cada um deles desfrutava da satisfação de comprar sexo sem estar, efetivamente, a pagar por sexo.

Quincy não precisava de uma mulher no seu quarto. Precisava de uma parceira para agir como vigia e manter o pequeno amplificador de sinal em perfeito alinhamento com o transmissor e o computador de Lassiter. O transmissor com o qual Denny se estava a ver aflita no telhado não teria qualquer serventia se não fosse possível apanhar o sinal no quarto dele, localizado no quarto piso, e transmiti-lo para o local onde Quince invadiria o computador de Lassiter, no piso do mezanino.

E embora Desiree estivesse disposta a satisfazer todas as suas fantasias mais perversas, ele duvidava que ela encarasse a invasão do sistema de Lassiter como a satisfação de um fetiche genuíno. Além disso, ela já se tinha afastado para procurar a chave de outro homem.

Tão depressa veio como foi.

— Sabes que isto é um problema — murmurou ele, levantando o copo para esconder o ligeiro movimento dos lábios e dando em seguida um longo gole, porque a bebida vinha mesmo a calhar.

*«A sério? Estou muito contente por estares aqui para me explicar as coisas.»*

Ele conteve uma gargalhada.

— Que mau feitio.

*«Não consegues ver, mas estou a mostrar-te o dedo do meio.»*

— Não esperava outra coisa. — Avançou na direção da janela para conseguir falar com mais facilidade, mantendo os convidados debaixo de olho através do reflexo do vidro, enquanto fingia olhar para baixo, para Hollywood. Denny estava lá fora, empoleirada no telhado de um antigo armazém que tinha sido transformado num complexo de escritórios.

*«Que se lixe. Vou usar fita adesiva para que isto funcione o melhor possível. E depois posso voltar logo. Tu vais precisar de mim naquele quarto.»*

E precisava mesmo, que diabo! Mas também era preciso ter uma garantia em relação à transmissão. Esta missão era o ponto fulcral de uma operação conjunta da União Europeia e de Espanha para derrubar Corbu e a sua operação internacional de tráfico sexual. A Agência de Segurança Stark tinha sido contratada para resolver esta peça fundamental do puzzle. Tratava-se de uma missão única e limitada, cujo objetivo era aceder aos ficheiros de contactos de Lassiter, para depois os descriptar e passar o protocolo de contacto com Corbu à operação conjunta.

Caso falhasse, a Agência de Segurança Stark perderia a sua reputação junto da comunidade internacional de informações. Mais importante ainda, estavam em jogo milhares de vidas inocentes e, naquele momento, ele travava uma luta contra o tempo. Como se diz na NASA, falhar não era uma opção.

— Vou ter contigo. — Ele sabia perfeitamente que ela conseguia dar conta do recado, mas tinha de tentar. — Talvez consiga encaixar o braço.

*«Não há tempo suficiente. Tenho de apanhar o sinal daqui a 15 minutos e tu precisas de estar em posição daqui a 20 minutos. Se chegares depois disso, estamos lixados.»*

Quincy puxou o relógio de bolso *vintage Patek Philippe* que pertencera ao pai que ele mal conhecera. Com um design excepcional, continuava a exibir perfeitamente as horas, apesar de a sua precisão ter pouco que ver com o motivo pelo qual Quince o usava religiosamente. Quase de um modo supersticioso.

O relógio *Patek Philippe* era um lembrete do passado e um aviso para o futuro.

Nunca o induziria em erro e, naquele momento, mostrou-lhe que Denny estava certa.

*Caramba.*

— Está bem — disse ele. — Vem para aqui. — Era um risco enorme, mas o potente transmissor tinha sido criado para permitir a transmissão e a receção de conjuntos de dados enormes,

necessários para o moderníssimo software de descriptação alojado na Agência de Segurança Stark. Com um pouco de sorte, o suporte improvisado de Denny permitiria ao transmissor captar e transmitir o sinal para o amplificador localizado no quarto de Quincy. O dispositivo funcionava como um *router* de wi-fi e enviava o sinal para o interior do hotel, onde seria interceptado pela tecnologia usada por Quince para entrar no sistema de Lassiter.

Contudo, para que o plano funcionasse, o sinal do transmissor tinha de se cruzar com o amplificador com total precisão. Caso contrário, o amplificador transmitiria lixo para Quince, ao invés do avançado software de pirataria criado pela Tecnologia Aplicada da Stark. Não era uma situação ideal, mas não tinham alternativa.

Virou-se para encarar a sala. Precisava de saber a localização de Lassiter para poder entrar no seu quarto, que ficava no quarto piso, sem ser detetado. *Ali está ele.*

Lassiter estava junto de um grupo de cinco homens e duas mulheres, com a mão pousada no fundo das costas de uma morena, magra, com cabelo castanho-arruivado a cair sobre os ombros e um vestido curto que lhe revelava a pele suave e quase deixava ver o traseiro perfeito em forma de coração. Havia algo de tremendamente familiar nela...

Ignorou o pensamento.

— Pronto. Já vi o Lassiter. Vou para...

Foi quando ela se virou que ele lhe viu o rosto.

Ficou paralisado. Ficou mesmo paralisado, porra!

*Eliza?* Certamente não poderia ser Eliza.

«*Quince?*» A voz de Denny soava tensa. «*É o Lassiter? Ele desconfia de alguma coisa?*»

— Não é o Lassiter. É um fantasma.

«*O quê?*»

Só podia ser um fantasma. A mulher com cabelo cor de mogno e olhos azuis como o céu. A mulher cuja covinha na face acelerara em tempos o seu coração.

A mulher que ele acarinhara. Cujo cheiro ainda perdurava nos seus sonhos.

A mulher que ele amara mais fervorosamente do que julgara possível. E que agora certamente o odiava mais do que ele podia imaginar.

Era impossível aquela mulher estar numa festa destas. Completamente impossível.

*Seria possível?*

Meu Deus, em que é que ela se metera?

Sem tomar uma decisão consciente, avançou na direção dela e as passadas largas encurtaram a distância enquanto Denny tagarelava ao seu ouvido.

*«O que se passa? Caramba, já vou a caminho. Encontramo-nos na sala daqui a quatro minutos.»*

Ele sabia que devia dar meia-volta. Havia demasiadas coisas que dependiam desta missão. A vida e a liberdade de tantos inocentes que tinham ficado presos na rede de tráfico sexual do rei do crime romeno. Milhares de vítimas a viver em sofrimento, incluindo uma rapariga aterrorizada e inocente de 13 anos.

O rapto dela fora o catalisador da ação imediata da operação conjunta da União Europeia. Filha do príncipe regente de uma das monarquias mais pequenas da Europa, a princesa tinha sido raptada durante uma visita de estudo. O pai dela tinha falado com o líder da operação conjunta, um colega de turma de Eaton, e colocara à sua disposição os cofres gigantes da monarquia para financiar o que quer que fosse preciso para trazer a rapariga de volta e dismantelar a operação de Corbu.

Quince estremeceu quando a imagem de outra adolescente lhe veio à mente. *Shelley*. Os seus olhos confiantes. Os soluços que a sufocavam. E os gritos de terror e desespero dele quando o seu corpo foi percorrido por uma dor lancinante e o mundo desabou à sua volta.

E, naquele momento, percebeu o que tinha de fazer.

— Fica no telhado! — ordenou a Denny.

«*O quê? Mas...*»

— Confia em mim. Eu dou conta do recado.

Tinha sido demasiado fraco para salvar Shelley.

Tinha falhado com ela. Tinha falhado consigo mesmo, que diabo!

Mas de certeza que não voltaria a falhar.

Mesmo que isso significasse incluir Eliza Tucker no seu esquema improvisado.

## 2

**E**le está a tocar-me.

Este filho da mãe elegante e retorcido, cheio de falinhas-mansas, pousou a mão no fundo das minhas costas e está a roçar o polegar na minha pele nua. É um gesto íntimo. É um gesto possessivo. É um gesto revoltante.

E a culpa é toda minha.

Fui eu que enfiei as mamas neste vestido demasiado apertado. Fui eu que chamei a atenção do Scott Lassiter. E agora parece que vou ter de ser eu a aguentar uma noite na cama com ele, se não quiser correr o risco de revelar o meu disfarce.

*O meu disfarce.*

Não consigo deixar de constatar a ironia. Durante toda a minha vida, a minha irmã Emma foi a minha protetora. Um anjo inteligente, forte e vingativo que se interpunha entre mim e os perigos do mundo. Não importava que esses perigos fossem professores, rufias de rua ou o monstro do nosso pai. Ela estava sempre lá, a fazer o que fosse preciso para me manter em segurança.

E agora aqui estou eu, encurralada numa situação que não compreendo totalmente, ao mesmo tempo que finjo ser a minha irmã. Ou, para ser mais precisa, ao mesmo tempo que finjo que sou a minha irmã a fazer-se passar por uma acompanhante de luxo.

Felizmente, passei mais de uma década a fazer uns biscates como atriz. A desempenhar todos os papéis que me aparecessem. Anúncios, teatro comunitário, uma ou outra telenovela e uns quantos papéis irrelevantes em produções filmadas em Nova Iorque.

Nunca corri atrás de um papel constante na televisão nem de um contrato a longo prazo na Broadway ou fora dela. Isso não me atrai. É claro que quero ter sucesso. Mas há algo de apelativo na variedade. Afinal de contas, quanto mais me consigo embrenhar nas vidas de outras pessoas, menos sou obrigada a analisar a minha própria vida.

Tudo isto faz de mim um excelente camaleão. E é provável que esse seja o único motivo pelo qual ninguém me está a apontar um dedo, como numa cena saída de um filme, gritando que eu sou uma fraude e não pertença a este meio.

Porque a verdade é que não pertença. Não pertença mesmo.

E quando a Emma descobrir que estou a fazer-me passar por ela e a pôr-me em perigo, vai ficar fula da vida. Mas não há problema. Isso significará que está viva. E, tendo em conta tudo o que se passou, prefiro vê-la irritada e furiosa. Porque a alternativa é demasiado horrível para sequer a contemplar.

Respiro fundo. Há 24 horas que estou preocupada com a Emma, desde que me apercebi de que ela tinha desaparecido. Mas preciso de conter essa preocupação, porque tenho problemas mais imediatos. Por exemplo, como é que hei de afastar-me deste tarado que decidiu que eu sou toda dele esta noite. Porque cada minuto em que estou presa ao Scott Lassiter é mais um minuto em que não obtenho respostas.

Mexo-me ligeiramente e olho em redor da sala, enquanto me pergunto onde estará o meu contacto. Segundo o parceiro da Emma, ela foi contactada por uma fonte anónima uns dias antes de desaparecer. Ele dava pelo nome de Sr. X e prometeu-lhe informações sobre um caso que ela andava a investigar. Tudo o que ela tinha de fazer era encontrar-se com ele nesta festa.

— Eles não podiam marcar encontro no McDonald's? — perguntara eu.

Um sorriso largo espalhou-se pelo rosto rosado do Lorenzo. Ele passou uma mão pela cabeça, empurrando um tufo de cabelo para um dos lados para revelar a sua pelada cada vez maior.

— Tenho quase a certeza de que não era uma opção válida, minha querida.

Cruzei os braços e inclinei a cabeça em resposta ao termo carinhoso, mas ele descartou-me. Conheço o Lorenzo desde que eu tinha 9 anos e ele era um polícia de Venice Beach que fez vista grossa quando me apanhou a dormir com a Emma num carro abandonado.

Tudo o que o Lorenzo sabia era que a Emma estava a trabalhar num dos seus casos *pro bono*. Ao fim de mais de uma década a trabalhar para o governo, ela tornara-se detetive privada a tempo inteiro alguns anos antes. A paixão dela é ajudar crianças desaparecidas e em situação de risco, e o Lorenzo contou-me que ela descobriu uma espécie de conspiração de exploração organizada em fóruns alojados na *dark web*.

— Talvez o Sr. X esteja metido ao barulho, mas queira sair — disse o Lorenzo.

— E, por esse motivo, contactou a Emma e marcou um encontro — supus. — Mas, antes que isso pudesse acontecer, os criminosos aperceberam-se de que ela andava a meter o bedelho no fórum. Acabaram por conseguir descobrir a identidade dela e apanharam-na.

— Parece-me que sim.

Senti uma tensão no peito enquanto me obrigava a proferir as palavras que se seguiram.

— Eles... Achas que eles a mataram?

— Espero que não — respondeu ele, revelando uns olhos à *basset hound* profundamente tristes.

— Tenho de ir à polícia.

— E o que achas que eles fariam? Para começar, iriam apenas dizer-te para esperares. O apartamento dela está relativamente organizado...

— Alguém entrou no apartamento. — Eu estava certa disso.

— Isso achas *tu*. Mas não foi revistado. Tu dizes que as coisas estão fora do sítio, mas isso não quer necessariamente dizer que tenha havido uma invasão. Tudo o que sabes é que ela desapareceu e não conheces o paradeiro dela. Mas ela é uma mulher adulta. Pode ter desaparecido por vontade própria. Pode ter fugido com um homem qualquer. Pode ter decidido ir aprender a fazer pesca desportiva.

— A Emma diz-me sempre onde vai. Nós não mantemos segredos. — Lembro-me das coisas que ela me contou e sobre as quais deveria ter mantido segredo. Coisas perigosas, caso fossem descobertas.

Não. Ela não teria escondido de mim uma coisa importante.

— Da última vez que falei com ela, tu ias fazer um cruzeiro qualquer — disse o Lorenzo, depois de ouvir a minha resposta. — Ela contou-me que tu lhe tinhas dito que não valia a pena ligares-lhe, mas que atracarias em vários portos.

Fiz um esgar. Tudo isso era verdade. Só que eu nunca chegara a zarpar.

Consequira um papel num musical a bordo de um navio. Seriam três meses inteiros passados no mar a atracar em vários portos. Três meses com excursões de uma ou duas semanas e com diferentes passageiros a cada viagem. Noventa dias sem pessoas que pertencessem ao passado e sem ninguém que viesse a fazer parte do meu futuro. Parecera-me o emprego de sonho e eu aceitara-o sem pensar duas vezes.

Mas depois a empresa do cruzeiro cancelou o musical e substituiu o elenco, que era composto por um grupo grande de pessoas, por um único comediante. Cortes orçamentais. O que não só me deixou sem emprego, como também sem dinheiro.

E foi por isso que decidi vir a Los Angeles visitar a minha irmã.

No entanto, a Emma tinha desaparecido.

— Ela enviava-me um e-mail, caso decidisse fazer umas férias de última hora — disse eu ao Lorenzo. — Sabes que sim. — Eu e a Emma somos mais do que irmãs. Ela praticamente criou-me. E temos sido nós contra o mundo, desde aquele dia terrível em que ela me tirou da casa que nunca, *nunca* foi um lar.

O Lorenzo assentiu com a cabeça, com um ar solene.

— Eu sei. E tu também sabes. Mas a polícia não sabe. Tu precisas de mais informações, caso queiras ajuda. *Nós* precisamos de mais informações. Achas que eu não estou preocupado? Estamos a falar da Emma. Ela é como uma filha para mim. São as duas.

— Achas mesmo que este tal de Sr. X sabe de alguma coisa?

— Acho que ele é a única pista que temos. Se pudesse, iria eu, mas acho que já não tenho idade para usar um vestido de festa decotado.

Ele tinha razão. Eu sabia isso. E não só quanto a ficar bem ou mal como *drag queen*.

Ou eu ia ao encontro, ou teria de esperar algum tempo até conseguir a colaboração da polícia.

Quando confrontada com as minhas opções, não me restavam dúvidas. A Emma estava em apuros e só isso importava. Porque, feitas as contas, *ela* é a única coisa importante para mim. Quer dizer, ela e o Lorenzo. São tudo o que eu tenho. Tudo o que sempre tive.

Houve uma altura em que eu achava que poderia haver outra pessoa. Moreno e inquieto, doce e sensual, o Quincy Radcliffe possuía uma intensidade que me atraía até ele e uma força que me mantivera por perto. Nos seus braços, sentira-me mais segura do que nunca, desde que deixara a Emma e Los Angeles. Eu abria a gaiola de aço à volta do meu coração e convidara-o a entrar.

Estivemos juntos durante quase três meses e, durante esse período, baixei totalmente a guarda. Permiti-me amá-lo e julguei que ele também me amava.

Nunca mais voltarei a cometer esse erro.

Ele deu cabo de mim. Destruíu a minha alma de dentro para fora.

Levou-me a amá-lo. E eu não posso perdoá-lo por isso.

Mas também devo agradecer-lhe. Porque aprendi a minha lição nessa primavera em Londres. Acreditei que talvez conseguisse mudar. Que a barreira que eu criara e as máscaras que usara não tinham de ser permanentes. Que eu podia eliminar essas barreiras e tentar deixar alguém entrar.

O Quince fez com que eu quisesse tentar. Deu-me esperança.

E quando me traiu... bem, ensinou-me que eu precisava daquelas barreiras. Eram essas barreiras que me mantinham segura.

E agora a Emma vive dentro das barreiras. E o Lorenzo também.

Mas só eles. Somente eles.

Eles são tudo o que eu tenho, e é por isso que me encontro neste momento no elegante salão de baile da *penthouse art déco* do Hollywood Terrace.

Foi por isso que segui as instruções detalhadas do Sr. X para o encontro. É por isso que estou a fingir ser uma das várias acompanhantes de luxo contratadas para esta noite. E é por isso que, além do meu vestido preto justo, estou a usar uma fita vermelha como pulseira, tal como me foi instruído. A fita serve para assinalar ao Sr. X que eu sou a MCC, o pseudónimo que a Emma estava a usar no fórum.

Significa Má Como as Cobras, embora o mais certo é que eu seja a única pessoa no mundo a sabê-lo. Neste preciso momento, não me sinto particularmente má. Quem me dera sentir. Porque uma rapariga má como as cobras conseguiria provavelmente

descobrir uma forma de se livrar do homem que parece determinado a manter-me do seu lado.

Mas, bem vistas as coisas, a ideia é eu estar a representar. Sou uma acompanhante de luxo chamada Bunny. E raparigas com nomes como Bunny não são más. Pelo contrário, raparigas com nomes como Bunny poem-se de joelhos ou abrem as pernas assim que lhes é ordenado. Eu compreendo as raparigas com nomes como Bunny, por isso não estou propriamente a esmerar-me como atriz esta noite.

Talvez estivesse, se o meu nome esta noite fosse Amber ou Domino ou Serena. Se tivesse uma chibata em vez de uma fita vermelha. Nesse caso, talvez eu conseguisse fingir. Sair realmente de mim própria e fingir que era uma rapariga má como as cobras.

Mas não o vou fazer. Não consigo.

*Ainda bem*, penso. Porque, por aquilo que vejo, esta festa está cheia de Bunnies. Não de Serenas.

Por outras palavras, entrei num mundo completamente dominado por homens. Homens ricos, poderosos e controladores. Com apetites obscuros e perigosos.

*Oh, Emma. Em que é que te foste meter?*

Tenho feito esta pergunta a mim própria desde que o Lassiter engraçou comigo, o que aconteceu assim que eu entrei na *penthouse*. No início, pensei que essa atenção se devia ao facto de ele ter topado o meu disfarce. Mais tarde, quando teceu um comentário sobre a minha pulseira invulgar, soltei um suspiro de alívio e presumi que era ele o Sr. X. Mas, pouco tempo depois, percebi que só queria ver-me nua.

Agora não consigo ver-me livre dele, quando precisava de estar a conviver. Tenho de ir retirando bebidas dos tabuleiros dos empregados para me certificar de que exibo suficientemente a fita vermelha, de modo que o Sr. X a veja. Ao mesmo tempo, torna-se muito claro que a autonomia feminina não é a palavra

de ordem do dia e que, se o Lassiter me quer ao lado dele, eu sou obrigada a ficar até ele me libertar.

*Merda.*

— Por acaso, já tenho algumas remodelações semelhantes em curso em Chicago, Houston e Manhattan — diz o Lassiter a um qualquer multimilionário influente com sotaque italiano cerrado que lhe perguntara se estava a planear expandir o seu «modelo de negócios». Uma vez que todo este cenário me repugna, ignoro a resposta dele, mas sobressalto-me quando ouço o meu nome. Ou melhor, quando ouço o meu nome profissional.

— ... como aqui a Bunny.

— Perdão. Como?

O Lassiter esboça um sorriso indulgente e depois apalpa-me o rabo. Impeço-me de lhe dar uma palmada, uma vez que essa seria uma atitude suspeita.

— Eu estava a dizer ao Sr. Scutari que todas as mulheres das minhas festas são encantadoras, mas algumas têm uma qualidade rara. Um encanto deslumbrante. — Prende-me o cabelo atrás da orelha e eu forço-me a sorrir em vez de me encolher. Não é que eu seja um anjinho recatado e puro. Estou longe de o ser. Mas há homens que podem ter-me na cama e homens que não podem.

O Lassiter enquadra-se no território *proibido*. E neste momento eu rezo para que o Sr. X me encontre rapidamente. Não me importava que um terramoto de grandes dimensões atingisse Los Angeles. Tudo para evitar que o Lassiter me desse a chave e me encaminhasse para o quarto dele. Porque estou certa de que ele só ainda não me deu a chave porque é o anfitrião e tem de esperar até que todos os convidados tenham escolhido as raparigas.

Esperava que ele continuasse a debitar sobre a qualidade do material, mas, em vez disso, a conversa muda para o domínio das finanças internacionais. Como se esta fosse só uma festa normal e eu fosse a sua namorada zelosa e afetuosa.

Toda a situação é bastante surreal, e, a cada minuto que passa, receio que a minha vinda tenha sido um erro. Não estou mais perto de encontrar a Emma e, à medida que a noite vai passando, as hipóteses de acabar na cama do Lassiter estão a aumentar. É claro que eu sabia que corria esse risco. Mas partira do princípio de que o Sr. X me encontraria e que iríamos depois para o quarto dele, supostamente para praticar acrobacias sexuais, mas, na realidade, para termos uma conversa clandestina sobre aquilo que teria acontecido à minha irmã e como a poderíamos ajudar.

*Então, onde raio anda ele?*

Afasto o pensamento e viro-me para inspecionar a sala. A mão do Lassiter continua nas minhas costas de forma possessiva, e eu obrigo-me a não fazer uma careta. Estou tão focada em não afastar o corpo da mão dele, que mal consigo olhar para o espaço que me rodeia.

E é por isso que não reparo de imediato no homem que se encaminha na nossa direção, a atravessar o salão de baile com uma passada larga.

*Quincy Radcliffe.*

O homem que me abandonou. Que me partiu o coração.

Fico com a boca seca e sinto o sangue quente a percorrer-me o corpo.

Cresce-me um formigueiro nas palmas das mãos devido à vontade de lhe dar uma bofetada. E quando vejo aqueles olhos cinzentos a prenderem-se nos meus, solto um aviso silencioso que lhe implora que não diga o meu nome.

E é aí que me cai a ficha.

É aí que as peças se encaixam.

*O Quincy Radcliffe é a razão pela qual estou aqui. O meu Quincy é o Sr. X.*

Então, que diabo vou eu fazer agora?

# Ela estava determinada a esquecê-lo. Agora, só ele a pode ajudar.

Durante anos, Eliza Tucker tentou não pensar nas escaldantes semanas passadas com Quincy Radcliffe em Londres. Aquele homem tão charmoso e sedutor levara-a a entregar-se a ele de corpo e alma, deixando-a completamente de rastros quando a abandonou sem qualquer explicação.

Quincy é agora um operacional na recém-criada Agência de Segurança Stark, e há muito que deixou a vida de agente secreto que anos antes o tinha obrigado a partir o coração da mulher que venerava. Mas quis o destino que os seus caminhos voltassem a cruzar-se de uma forma inesperada e muito sensual.

Quando descobre que o desaparecimento da sua irmã pode estar ligado ao caso que Quincy está a investigar, Eliza percebe que ele é a única pessoa que pode ajudá-la a encontrar Emma. Para recuperar a irmã, Eliza está disposta a fazer o que for preciso, desde que isso não signifique voltar a apaixonar-se por ele. Quincy sabe que só tem duas hipóteses: ou lhe vira as costas ou arrisca-se a revelar os seus segredos mais sombrios à única mulher capaz de reabrir as suas feridas antigas.

## Será que algum deles irá escapar ileso?

**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-564-775-0



9 789895 647750

Romance Erótico